

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ANGLÍSTICOS



I Know Why The Caged Bird Sings

Uma Experiência Tradutória

Anexo II

Ana Margarida Fernandes Grácio de Almeida Alves

Mestrado em Estudos Ingleses e Americanos

Estudos de Tradução

2011



MAYA ANGELOU

Eu sei por que o
PÁSSARO
canta na
GAIOLA

JOSÉ OLYMPIO
EDITORA

EU SEI POR QUE O PÁSSARO CANTA NA GAIOLA

Título do original em inglês
I KNOW WHY THE CAGED BIRD SINGS

© *Maya Angelou*, 1969

Reservam-se os direitos desta edição à
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA S.A.
Rua da Glória, 344/4º andar
Rio de Janeiro, RJ – República Federativa do Brasil
Printed in Brazil / Impresso no Brasil

ISBN 85-03-00586 - 7

Gerência editorial: MARIA AMÉLIA MELLO
Capa: LUCIANA MELLO e MONIKA MEYER
Revisão de originais: MAIRA PARULLA e CONSUELO PAMPLONA
Produção: ANTONIO HERRANZ
Diagramação: ELZEVIR COMUNICAÇÃO GRÁFICA
Revisão de provas: PAULO SÉRGIO FERREIRA
FABIANO ANTONIO COUTINHO DE LACERDA
TEREZA DA ROCHA

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

A593e

Angelou, Maya

Eu sei por que o pássaro canta na gaiola/Maya Angelou;
tradução Paula Rosas — Rio de Janeiro: José Olympio,
1996.

Tradução de: *I know why the caged bird sings*
1. Angelou, Maya — Biografia. 2. Escritoras
afro-americanas — Século XX — Biografia
3. Apresentadores (Teatro, televisão etc.) — Século XX
Biografia. I. Título.

96-1847

CDD — 928.1
CDU — 92 (Angelou, M)

“O que você está olhando?
Eu não vim para ficar..”

Eu não me esquecera tanto que não pudesse lembrar. Porém, outras coisas eram mais importantes.

“O que você está olhando?
Eu não vim para ficar..”

Se conseguia lembrar o resto do poema ou não, era irrelevante. A autenticidade da declaração era como um lenço amassado, encharcado em minhas mãos fechadas, e, quanto mais cedo eles a aceitassem, mais rápido eu poderia abrir as mãos e o ar refrescaria minhas palmas.

“O que você está olhando?”

No banco das crianças da Igreja Episcopal Metodista Negra havia agitação e risadinhas por causa do meu famoso esquecimento.

O vestido que eu estava usando era de tafetá cor de lavanda. Toda vez que eu respirava, ele farfalhava e, agora que eu aspirava o ar para expirar vergonha, ele parecia papel crepom na traseira de carro fúnebre.

Observando mamãe colocar franzidos na bainha e graciosas dobrinhas ao redor da cintura, eu já sabia que quando o vestisse pareceria uma estrela de cinema. (Ele era de seda e isso compensava a cor horrível.) Eu ia parecer uma das encantadoras menininhas brancas, o sonho de todos aqueles que sabiam o que era certo no mundo. Pendurado de-

licadamente sobre a máquina de costura Singer preta, o vestido parecia mágico, e, quando as pessoas me vissem com ele correriam para mim e diriam: "Marguerite [às vezes era 'querida Marguerite'], perdoe-nos, por favor, não sabíamos quem você era", e eu responderia generosamente: "Não, vocês não podiam saber. É claro que eu perdôo vocês."

Só de imaginar, andei com pó-de-arroz salpicado sobre o rosto por vários dias. Mas o sol da manhã de Páscoa mostrava que o vestido era uma roupa feia e sem graça, tirada de um folheto de propaganda, outrora roxo, de uma mulher branca. Tinha comprimento de vestido de velha mas não escondia minhas pernas magras, untadas com vaselina Blue Seal e empoadas com argila vermelha do Arkansas. A cor desbotada fazia minha pele parecer suja como lama, e todo mundo na igreja olhava para minhas pernas finas.

Será que eles ficariam surpresos se um dia eu acordasse de meu sonho feio e negro e meu cabelo de verdade, que era comprido e louro, tomasse o lugar da massa encarapinhada que mamãe não me deixava alisar? Meus olhos azul-claros iriam hipnotizá-los, depois de todas as coisas que eles viviam dizendo: que "meu pai devia ser chinês" (eu pensava que eles queriam dizer feito de porcelana chinesa, como uma xícara), porque meus olhos eram muito pequenos e estrábicos. Então eles entenderiam por que eu nunca adquirira sotaque sulista ou falara a gíria comum, e por que eu tinha de ser forçada a comer rabos e focinhos de porco. Na realidade eu era branca e uma madrasta de contos de fada, que compreensivelmente tinha inveja de minha beleza, me transformara numa menina negra grande demais, com fartos cabelos pretos, pés largos e um espaço entre os dentes no qual cabia um lápis número dois.

"O que você está olhando..." A esposa do ministro inclinou-se na minha direção, com seu rosto amarelo comprido cheio de piedade. Ela sussurrou: "Eu só vim dizer que é dia de Páscoa." Eu repeti, ligando as palavras: "EusóvimdizerqueédiadePáscoa", o mais baixo possível. As risadinhas pairavam no ar como nuvens que se fundiam e esperavam para chover sobre mim. Levantei dois dedos, junto do meu peito, indicando que precisava ir ao banheiro, e caminhei na ponta dos pés para a parte de trás da igreja. Vagamente, em algum lugar da minha cabeça, ouvi umas senhoras dizendo: "Que o Senhor abençoe a criança" e "Que Deus seja louvado". Mi-

nha cabeça estava erguida e meus olhos abertos, mas eu não via nada. Na metade da passagem entre as fileiras de bancos, a igreja explodiu com "Onde você estava quando crucificaram meu Senhor?" e eu tropecei num pé que estava para fora do banco das crianças. Tropecei e comecei a dizer alguma coisa, ou talvez a gritar, mas um caqui verde, ou talvez fosse um limão, caiu entre minhas pernas e estourou. Provei e senti um gosto azedo na língua e junto à garganta. Então, antes que eu chegasse à porta, a ardência descia por minha perna e entrava em minhas meias de domingo. Tentei contê-la, espremê-la de volta para seu lugar, impedi-la de correr, mas, quando cheguei ao pórtico da igreja, vi que teria de deixá-la descer, ou provavelmente ela correria novamente para a minha cabeça e minha pobre cabeça explodiria como uma melancia caída, e todo o cérebro, a saliva, a língua e os olhos rolariam pra todo lado. Então, corri para o pátio e deixei-a descer. Corri, urinando e chorando, não para o banheiro, na parte de trás, mas para nossa casa. Certamente eu seria chicoteada por isso, e as crianças implicantes teriam algo novo para caçoar de mim. De qualquer maneira, eu ri, em parte pelo agradável alívio; contudo, a alegria maior vinha não só de ter me livrado daquela igreja chata, mas de constatar que minha cabeça não explodiria.

Se crescer é doloroso para a menina negra do Sul, ter consciência de seu deslocamento é a ferrugem na navalha que ameaça o pescoço.

É um insulto desnecessário.

Eu decidira que St. Louis era um país estrangeiro. Nunca me acostumaria com os sons disparados de descargas de banheiro, nem com as embalagens de comida nem com campainhas, nem com o barulho de carros, trens e ônibus que atravessava as paredes de forma estrondosa e entrava por debaixo das portas. Em minha mente, eu estava passando apenas algumas semanas em St. Louis. Assim que entendi não ter chegado ao meu lar, escapuli para a floresta de Robin Hood e para as cavernas de Alley Oop, onde toda realidade era irreal e mesmo isso mudava todos os dias. Eu carregava o mesmo escudo que usara em Stamps: "Eu não vim para ficar."

Nossa mãe era competente para atender às nossas necessidades. Mesmo que isso significasse arranjar outra pessoa para fornecer as provisões. Embora fosse enfermeira, ela nunca trabalhou em sua profissão enquanto estivemos com ela. O sr. Freeman trazia para casa as provisões e ela ganhava dinheiro extra conduzindo jogos de pôquer em salões de jogo. O mundo direito das oito às cinco simplesmente não tinha *glamour* suficiente para ela, e somente vinte anos depois eu a vi pela primeira vez num uniforme de enfermeira.

O sr. Freeman era capataz no estaleiro do Pacífico Sul e vinha para casa tarde às vezes, depois que nossa mãe havia saído. Ele pegava seu jantar no fogão, onde ela o deixava coberto cuidadosamente, advertindo-nos para não mexer. Comia quieto na cozinha, enquanto Bailey e eu

líamos separada e avidamente nossas revistas Street e Smith. Agora que tínhamos dinheiro para gastar, comprávamos brochuras ilustradas com figuras vistosas. Quando nossa mãe não estava, nós éramos colocados num sistema de retidão. Tínhamos de terminar nosso dever de casa, jantar e lavar os pratos antes de podermos ler ou escutar *The Lone Ranger*, *Crime Busters* ou *The Shadow*.

O sr. Freeman movia-se com graça, como um grande urso marrom, e raramente falava conosco. Ele simplesmente esperava a nossa mãe e colocava todo o seu ser na espera. Nunca lia o jornal nem chegava perto do rádio. Ele esperava. Isso era tudo.

Se ela chegasse em casa antes de irmos para a cama, nós víamos o homem ganhar vida. Ele pulava da cadeira grande, como um homem saindo do sono, sorrindo. Eu me lembrava então de que alguns segundos antes eu ouvira a porta de um carro bater; então os passos de nossa mãe eram ouvidos da calçada de concreto. Quando sua chave chocalhava na porta, o sr. Freeman já havia feito sua pergunta habitual: "Ei, Bibbi, você se divertiu?"

Sua pergunta pairava no ar, enquanto ela pulava para dar-lhe um beijo nos lábios. Então se virava para Bailey e para mim com beijos de batom. "Vocês não terminaram seu dever de casa?" Se nós tivéssemos terminado e estivéssemos apenas lendo: "Ok, façam suas orações e vão para a cama." Se não tivéssemos: "Então vão para o quarto de vocês e terminem... depois façam suas orações e vão para a cama."

O sorriso do sr. Freeman nunca crescia, ficava na mesma intensidade. Às vezes, nossa mãe ia sentar-se no seu colo, e o sorriso no rosto dele parecia que ia ficar lá para sempre.

Dos nossos quartos podíamos ouvir os copos tilintarem e o rádio ligado. Creio que ela deve ter dançado para ele nas noites agradáveis, porque ele não sabia dançar, mas, antes que eu adormecesse, muitas vezes eu ouvia pés arrastando-se ao ritmo de dança.

Eu sentia pena do sr. Freeman. Sentia tanta pena dele quanto sentira de uma ninhada de porcos impotentes na pocilga no fundo do nosso quintal em Arkansas. Nós engordávamos os porcos o ano todo para matar na primeira boa geada e, embora eu sofresse pelas coisinhas bonitas e ondulantes, eu sabia o quanto eu ia apreciar a lingüiça fresca e a gelatina feita da cabeça e pés de porco que eles só podiam me dar com sua morte.

Por causa das histórias sinistras que líamos e da nossa imaginação viva e, provavelmente, de lembranças de nossas vidas breves mas agitadas, Bailey e eu sofríamos — ele física e eu mentalmente. Ele gaguejava e eu suava com pesadelos horríveis. Diziam constantemente a ele para diminuir o ritmo e começar de novo, e nas minhas noites particularmente ruins minha mãe me levava para dormir com ela na cama grande com o sr. Freeman.

Por causa de uma necessidade de estabilidade, as crianças se tornam facilmente criaturas de hábito. Depois da terceira vez na cama de nossa mãe, eu achei que não havia nada de estranho em dormir ali.

Certa manhã, ela deixou a cama cedo para cumprir um compromisso, e eu adormeci de novo. Mas acordei com uma pressão, uma sensação estranha na minha perna esquerda. Era mole demais para ser uma mão e não era o toque das roupas. O que quer que fosse, eu não experimentara aquela sensação em todos os anos dormindo com mamãe. Aquilo não se mexia, e eu estava surpresa demais para me mexer. Virei minha cabeça um pouco para a esquerda para ver se o sr. Freeman estava acordado e se levantara, mas seus olhos estavam abertos e as duas mãos estavam sobre a coberta. Eu soube, como se sempre soubera, que era sua 'coisa' na minha perna.

Ele disse:

— Fique aqui, Ritie, eu não vou machucar você.

Eu não estava com medo, um pouco apreensiva talvez, mas não com medo. É claro que eu sabia que muitas pessoas faziam 'aquilo' e que elas usavam suas 'coisas' para realizar o ato, mas ninguém que eu conhecesse jamais fizera aquilo com ninguém. O sr. Freeman puxou-me para ele e colocou sua mão entre minhas pernas. Ele não machucou, mas mamãe enfiara em minha cabeça: "Mantenha suas pernas fechadas e não deixe ninguém ver suas coisas."

— Eu não machuquei você. Não tenha medo. — Ele jogou as cobertas para o lado e sua 'coisa' ficou ereta como uma espiga de milho marrom. Ele segurou minha mão e disse: — Sinta.

Era mole como a parte interna de uma galinha recém-abatida. Então ele me arrastou para cima de seu peito com o braço esquerdo, sua mão

direita movia-se tão depressa e seu coração batia tão forte, que tive receio de que ele morresse. Histórias de terror revelavam que as pessoas mortas não soltavam o que quer que elas estivessem segurando no momento. Eu me perguntei como eu me soltaria se o sr. Freeman morresse me segurando. Teriam de quebrar os braços dele?

Finalmente, ele ficou quieto e então veio a parte boa. Ele me abraçou com tanta suavidade, que eu desejei que ele nunca me soltasse. Eu me senti à vontade. Pelo modo como estava me segurando, eu sabia que ele nunca me soltaria nem deixaria nada de mau acontecer comigo. Provavelmente, este era meu verdadeiro pai e havíamos nos encontrado afinal. Mas então ele rolou na cama, deixando-me num lugar molhado e levantou-se.

— Preciso falar com você, Ritie.

Ele tirou sua cueca, que havia caído em seus tornozelos, e entrou no banheiro.

Era verdade que a cama estava molhada, mas eu sabia que eu não provocara o acidente. Talvez fosse o sr. Freeman ao me abraçar. Ele voltou com um copo de água e me disse com voz áspera:

— Levante-se. Você fez xixi na cama.

Ele despejou água no ponto molhado, e pareceu realmente meu colchão em muitas manhãs.

Tendo vivido na rigidez do Sul, eu sabia quando ficar calada em relação aos adultos, mas eu queria perguntar por que ele disse que eu fiz xixi quando eu tinha certeza que ele não acreditava nisso. Se achava que eu era má, isso significava que ele nunca mais me abraçaria de novo? Ou admitiria que era meu pai? Eu o fizera ficar envergonhado de mim.

— Ritie, você gosta de Bailey?

Ele sentou-se na cama, e eu me aproximei, esperançosa. Ele estava curvando-se, puxando as meias, e suas costas eram tão grandes e amistosas, que tive vontade de descansar minha cabeça nelas.

— Se você contar a alguém o que nós fizemos, eu vou ter que matar Bailey.

O que nós havíamos feito? Nós? Obviamente, ele não estava referindo-se ao fato de eu ter feito xixi na cama. Eu não estava entendendo e não ousava perguntar a ele. Tinha alguma coisa a ver com o fato dele

ter me abraçado. Mas não havia chance de perguntar a Bailey também, porque isso seria contar o que nós fizéramos. A idéia de que ele poderia matar Bailey me aturdiu. Depois que deixou o quarto, eu pensei em contar à minha mãe que eu não tinha feito xixi na cama, mas então, se ela me perguntasse o que acontecera, eu teria de contar a ela que o sr. Freeman me abraçara, e isso não ia ser bom.

Era o mesmo velho dilema. Eu sempre vivera com ele. Havia um exército de adultos, cujos motivos e movimentos eu não conseguia entender e que não faziam esforço para entender os meus. Nunca deixei de gostar do sr. Freeman, eu simplesmente não o entendia.

Durante semanas, ele não se dirigiu a mim, exceto os "ois" mal-humorados que eram dados sem sequer olhar na minha direção.

Esse era o primeiro segredo que eu guardava de Bailey e às vezes eu pensava que ele deveria ser capaz de lê-lo no meu rosto, mas ele não percebia nada.

Comecei a sentir falta do sr. Freeman e do abraço em seus grandes braços. Antes, meu mundo era Bailey, comida, mamãe, o Armazém, ler livros e tio Willie. Agora, pela primeira vez, ele abrangia contato físico.

Comecei a esperar que o sr. Freeman chegasse do estaleiro, mas, quando ele chegava, nunca reparava em mim, embora eu pusesse muito sentimento no "Boa noite, sr. Freeman".

Certa noite, quando eu não conseguia me concentrar em nada, fui até ele e sentei-me rapidamente em seu colo. Ele estava esperando nossa mãe novamente. Bailey estava escutando *The Shadow* e não sentiu falta de mim. De início, o sr. Freeman ficou imóvel, sem me abraçar nem nada, então eu senti uma protuberância macia sob minha coxa começar a se mover. Ela contraiu-se contra mim e começou a endurecer. Então me puxou para o seu peito. Ele cheirava a poeira de carvão e gordura e estava tão perto, que eu enterrei meu rosto em sua camisa e escutei seu coração, ele estava batendo apenas para mim. Somente eu podia ouvir a batida, somente eu podia sentir o pulso no meu rosto. Ele disse:

— Não se mexa, pare de contorcer-se.

Mas o tempo todo ele me movia sobre o seu colo, então de repente ele se levantou e eu escorreguei para o chão. Ele correu para o banheiro.

Ele ficou meses sem falar comigo novamente. Eu fiquei magoada e

por algum tempo me senti mais solitária do que nunca. Mas então me esqueci dele, e até a lembrança dele me abraçando fundiu-se na escuridão geral logo além dos grandes lampejos da infância.

Eu lia mais do que nunca, e desejei com toda a minha alma ter nascido menino. Horatio Alger era o maior escritor do mundo. Seus heróis eram sempre bons, sempre venciam, e eram sempre do sexo masculino. Eu poderia ter desenvolvido as duas primeiras virtudes, mas tornar-me um menino certamente era difícil, senão impossível.

As tiras em quadrinhos aos domingos influenciaram-me e, embora eu admirasse os heróis corpulentos que sempre venciam no fim, me identificava com o Pequeno Polegar. No banheiro, para onde eu costumava levar os jornais, era difícil procurar e excluir as páginas que não me interessavam, de modo a aprender como ele finalmente excederia em astúcia seu último adversário. Eu chorava de alívio todos os domingos, quando ele vencia os homens maus e saía de cada aparente derrota tão doce e delicado como sempre. Os meninos Katzenjammer eram divertidos porque faziam os adultos parecerem burros. Mas eles eram um pouco espectralhães demais para o meu gosto.

Quando chegou a primavera em St. Louis, eu peguei meu primeiro cartão da biblioteca e, como Bailey e eu parecíamos estar crescendo separadamente, eu passava a maioria dos meus sábados na biblioteca (sem interrupções), respirando no mundo dos meninos pobres de pés descalços que, com bondade e perseverança, se tornavam homens muito ricos, e davam cestas de guloseimas para os pobres nos feriados. As princesinhas confundidas com criadas e as crianças perdidas há muito tempo passando por crianças abandonadas, tornavam-se mais reais para mim do que nossa casa, nossa mãe, nossa escola ou o sr. Freeman.

Durante aqueles meses, víamos nossos avós e tios (nossa única tia tinha ido para a Califórnia fazer fortuna), mas normalmente eles faziam a mesma pergunta: "Vocês têm sido boas crianças?", para a qual só havia uma resposta. Até mesmo Bailey não teria ousado responder "Não".

No final de um sábado de primavera, depois que nossas tarefas domésticas (nada semelhante às de Stamps) haviam sido cumpridas, Bailey e eu estávamos saindo; ele para jogar beisebol, e eu para a biblioteca. O sr. Freeman me disse depois de Bailey sair:

— Ritie, vá comprar leite.

Normalmente, minha mãe trazia leite quando vinha para casa, mas nessa manhã, quando Bailey e eu arrumávamos a sala de estar, a porta do seu quarto estava aberta, e nós vimos que ela não viera para casa na noite anterior.

Ele me deu dinheiro e eu corri para o Armazém e voltei para casa. Depois de colocar o leite na geladeira, voltei-me e já estava na porta da frente quando ouvi:

— Ritie. — Ele estava sentado na cadeira grande junto ao rádio. — Ritie, venha aqui.

Eu não pensei no que acontecera na época do abraço até que cheguei perto dele. Sua calça estava aberta e sua 'coisa' estava para fora da braguilha.

— Não, sr. Freeman.

Comecei a recuar. Eu não queria tocar naquela coisa mole-dura de novo, e eu não precisava mais do seu abraço. Ele agarrou meu braço e me puxou para entre suas pernas. Seu rosto estava imóvel e parecia bondoso, mas ele não sorriu nem piscou. Nada. Não fez nada, exceto esten-

der sua mão esquerda para ligar o rádio mesmo sem olhar para ele. Por cima do barulho da música e da estática, disse:

— Não vai doer muito. Você gostou antes, não gostou?

Eu não queria admitir que na verdade havia gostado dele me abraçar nem que eu gostara do seu cheiro ou da forte batida do coração; então, não disse nada. E seu rosto tornou-se como o rosto de um daqueles nativos maus que o Fantasma estava sempre tendo de combater.

Suas pernas espremiam minha cintura.

— Abaixе sua calça.

Eu hesitei por duas razões: ele segurava-me com força demais para eu me mexer, e eu tinha certeza de que a qualquer momento minha mãe ou Bailey ou o Arqueiro Verde entrariam pela porta e me salvariam.

— Nós só estávamos brincando antes. — Ele me soltou o bastante para abaixar minha calça, e então arrastou-me para mais perto dele. Aumentando o volume do rádio, muito alto, ele disse: — Se você gritar, eu mato você. E, se você contar para alguém, eu mato Bailey.

Dava para perceber que ele falava a sério. Eu não podia entender por que ele queria matar meu irmão. Nenhum de nós havia feito nada para ele. E então.

E então houve a dor. Uma ruptura e uma penetração quando até os sentidos são dilacerados. O ato de estupro num corpo de oito anos é uma questão da agulha ceder porque o camelo não pode. A criança dá, porque o corpo pode, e a mente do estuprador não pode.

Eu pensei que havia morrido — acordei num mundo cercado por um muro branco, e tinha de ser o paraíso. Mas o sr. Freeman estava lá e me lavava. Suas mãos tremiam, mas ele me segurou ereta na banheira e lavou minhas pernas.

— Eu não tive a intenção de machucar você, Ritie. Eu não tive essa intenção. Mas não conte a ninguém... Lembre-se, não conte a nenhuma alma.

Eu me senti fria e muito limpa e só um pouco cansada.

— Não, senhor, sr. Freeman, eu não vou contar. — Eu estava em algum lugar acima de tudo. — É só que eu estou tão cansada que vou me deitar um pouco, por favor — sussurrei para ele.

Achei que, se eu falasse alto, ele poderia ficar assustado e me machucar de novo. Ele me enxugou e me entregou a calça.

— Ponha isto e vá para a biblioteca. Sua mãe deve estar vindo para casa daqui a pouco. Aja naturalmente.

Descendo a rua, senti a umidade em minha calcinha, e minhas coxas pareciam estar saindo de seus encaixes. Eu não poderia ficar sentada muito tempo nos assentos duros na biblioteca (eles tinham sido construídos para crianças), então caminhei pelo campo vazio onde Bailey jogava bola, mas ele não estava lá. Fiquei parada por um instante e observei os meninos grandes contornarem o campo empoeirado, então dirigi-me para casa.

Depois de dois quarteirões, vi que não conseguiria chegar nunca. A menos que eu contasse cada passo e pisasse em cada marca da calçada. Eu tinha começado a sentir ardência entre as minhas pernas mais do que na época que eu gastava unguento Sloan's em mim mesma. Minhas pernas latejavam, ou melhor, as partes internas de minhas coxas latejavam, com a mesma força que o coração do sr. Freeman. Tum... passo... tum... passo... PASSO SOBRE PASSO... tum... passo. Subi a escada degrau por degrau, um de cada vez. Não havia ninguém na sala de estar, fui direto para a cama depois de esconder minha calcinha manchada de vermelho e amarelo debaixo do colchão.

Quando entrou, minha mãe disse:

— Oi, mocinha, acho que esta é a primeira vez que vejo você ir para a cama sem ser mandada. Você deve estar doente.

Eu não estava doente, mas a boca de meu estômago estava em fogo — como eu poderia dizer a ela? Bailey entrou mais tarde e perguntou-me qual era o problema. Não havia nada a dizer a ele. Quando minha mãe nos chamou para comer e eu disse que não estava com fome, ela colocou sua mão fria sobre minha testa e minhas faces.

— Talvez seja sarampo. Dizem que está dando por aí. — Depois de tirar minha temperatura, ela disse: — Você está com um pouco de febre. Provavelmente pegou sarampo.

O sr. Freeman ocupou todo o espaço da porta:

— Então Bailey não deveria estar aí com ela. A menos que você queira uma casa cheia de crianças doentes.

Ela respondeu por sobre o ombro:

— Ele tanto pode ter agora como depois. É melhor acabar com isso.

— Ela passou roçando pelo sr. Freeman como se ele fosse feito de algodão. — Venha, Júnior. Pegue algumas toalhas frescas e enxugue o rosto de sua irmã.

Quando Bailey deixou o quarto, o sr. Freeman aproximou-se da cama. Ele inclinou-se para a frente, todo o seu rosto era uma ameaça que poderia ter-me sufocado.

— Se você contar...

Eu não consegui reunir a energia para responder-lhe. Ele precisava saber que eu não ia contar nada. Bailey entrou com as toalhas e o sr. Freeman saiu.

Mais tarde, minha mãe preparou um caldo e sentou-se na beira da cama para me alimentar. O líquido desceu por minha garganta como ossos. Minha barriga e meu traseiro estavam tão pesados quanto ferro frio, mas minha cabeça parecia ter sumido, o ar puro a tinha substituído nos meus ombros. Bailey leu para mim *The Rover Boys* até que ficou sonolento e foi para a cama.

Nessa noite eu fiquei acordada ouvindo minha mãe e o sr. Freeman discutindo. Não conseguia ouvir o que eles estavam dizendo, mas esperava que ela não o deixasse tão louco a ponto de machucá-la também. Eu sabia que ele poderia fazer isso, com seu rosto frio e olhos vazios. Suas vozes vieram mais e mais depressa, os sons altos nos calcanhares dos baixos. Eu teria gostado de ter entrado no quarto. Só passado, como se estivesse indo ao banheiro. Só mostrar meu rosto e eles poderiam parar, mas minhas pernas se recusavam a se mexer. Eu poderia mexer os dedos dos pés e os calcanhares, mas os joelhos haviam se transformado em madeira.

Talvez eu tenha dormido, mas logo a manhã estava lá com minha mãe sobre a cama.

— Como você está se sentindo, menina?

— Bem, mãe. — Uma resposta instintiva. — Onde está Bailey?

Disse que ele ainda estava dormindo, mas que ela não dormira a noite toda. Estivera em meu quarto várias vezes para me ver. Eu lhe perguntei onde o sr. Freeman estava, e seu rosto gelou com raiva.

— Ele foi embora. Partiu esta manhã. Eu vou tirar sua temperatura depois de servir seu mingau.

Eu podia contar a ela agora? A dor terrível assegurava-me que eu não poderia. O que ele fez comigo, e o que eu permiti, deveria ser muito ruim se Deus já deixava que eu sentisse tanta dor. Se o sr. Freeman fora embora, isso significava que Bailey estava fora de perigo? E, em caso afirmativo, se eu lhe contasse, ele ainda gostaria de mim?

Depois de tirar minha temperatura, minha mãe disse que ia dormir um pouco, mas que eu a acordasse se piorasse. Ela disse a Bailey para vigiar meu rosto e ver se apareciam manchas, quando elas aparecessem, passar loção de calamina.

Esse domingo vai e vem em minha lembrança como uma ligação ruim num telefonema para o exterior. Uma hora Bailey estava lendo *The Katzenjammer Kids* para mim, e então, sem uma pausa para dormir, minha mãe estava olhando meu rosto de perto, a sopa escorria pelo meu queixo, um pouco dela entrou em minha boca e eu engasguei. Então veio um médico que tirou minha temperatura e segurou meu pulso.

— Bailey!

Supus ter gritado, pois ele se materializou de repente, e eu lhe pedi para me ajudar, nós fugiríamos para a Califórnia, França ou Chicago. Eu sabia que estava morrendo e, na verdade, ansiava pela morte, mas não queria morrer em nenhum lugar perto do sr. Freeman. Eu sabia que mesmo naquele momento ele não teria permitido que a morte me levasse, a menos que ele desejasse.

Minha mãe disse que eu deveria ser banhada e os lençóis precisavam ser trocados, uma vez que eu suara muito. Mas, quando eles tentaram mexer-me, eu lutei, e nem Bailey conseguiu segurar-me. Então ela me pegou nos braços e o terror abrandou por algum tempo. Bailey começou a mudar a roupa de cama. Quando puxou os lençóis sujos, ele desentocou a calcinha que eu colocara debaixo do colchão. Ela caiu nos pés de minha mãe.

Recentemente, uma mulher branca do Texas, que se dizia liberal, perguntou-me sobre minha cidade natal. Quando eu lhe disse que em Stamps minha avó possuía o único Armazém negro de mercadorias gerais, desde a virada do século, ela exclamou: "Puxa, vocês foram pioneiros." Ridículo e até absurdo. Mas as meninas negras das pequenas cidades do Sul, quer fossem pobres ou possuíssem apenas o necessário para viver, eram preparadas para a idade adulta de forma tão extensa e descabida quanto as meninas brancas e ricas mostradas em revistas. É claro que o treinamento não era o mesmo. Enquanto as meninas brancas aprendiam a dançar valsa e a sentar-se graciosamente com uma xícara de chá equilibrada sobre os joelhos, nós ficávamos para trás, aprendendo os valores da época vitoriana média com muito pouco dinheiro para desfrutá-los. (Veja Edna Lomax gastando o dinheiro que ela ganhou colhendo algodão em cinco novelos de linha crua e esfarrapada. Seus dedos tendem a desfiar o trabalho e ela terá de repetir os pontos diversas vezes. Mas ela sabe disso quando compra o fio.)

Nós tínhamos de bordar e eu possuía baús cheios de panos de prato coloridos, fronhas, passadeiras e lenços com minhas iniciais. Dominava a arte de fazer crochê com franjas, e havia estoque para uma vida inteira de bonitos panos de mesa, que nunca seriam usados, em gavetas da cômoda com sachê. Era óbvio que todas as meninas sabiam lavar e passar roupa, mas as tarefas mais requintadas, como colocar mesa com prataria, fazer

assados e cozinhar legumes sem carne, tinham de ser aprendidas em outra parte. Normalmente, na fonte desses hábitos. Quando eu tinha dez anos, a cozinha de uma mulher branca tornou-se minha escola final.

A sra. Viola Cullinan era uma mulher rechonchuda, que vivia numa casa de três quartos em algum lugar atrás do correio. Ela era singularmente desprovida de atrativos até que sorria, e então as linhas ao redor de seus olhos e de sua boca, que a faziam parecer perpetuamente suja, desapareciam, e seu rosto parecia a máscara de um elfo travesso. Normalmente, deixava descansar seu sorriso até o final da tarde, quando suas amigas apareciam e a srta. Glory, a cozinheira, servia-lhes bebidas frias no jardim de inverno.

A exatidão de sua casa era desumana. O copo ficava ali e somente ali. Este copo tinha seu lugar e era um ato de rebelião impudente colocá-lo em qualquer outro lugar. Ao meio-dia, a mesa era servida. Às 12h15min a sra. Cullinan sentava-se para almoçar (quer seu marido tivesse chegado ou não). Às 12h16min, a srta. Glory trazia a comida.

A sra. Cullinan mantinha a tradição de seus pais abastados. Ela era da Virgínia. A srta. Glory, uma descendente de escravos que haviam trabalhado para os Cullinan, contou-me sua história. Ela havia se casado com alguém com menos dinheiro do que ela (segundo a srta. Glory). A família de seu marido não reteve o dinheiro por muito tempo e o que eles tinham “não significava muito”.

Feia como ela era, pensei comigo, ela teve sorte de arranjar um marido, acima ou abaixo de sua posição. Mas a srta. Glory não me deixava dizer uma única coisa contra sua patroa. Ela era muito paciente comigo, porém, em relação ao trabalho de casa. Explicou a louça, a prataria e os sinos dos criados. A grande tigela redonda na qual se servia a sopa não era uma tigela de sopa, mas uma terrina. Havia taças, copos para refresco de frutas, copos de vinho, xícaras de café de vidro verde com pires que combinavam. E eu tinha um copo no qual beber, e ele ficava com o da srta. Glory numa prateleira, separado dos outros. Colheres de sopa, molheira, facas de manteiga, garfos de salada e travessa entalhada eram acréscimos ao meu vocabulário e na verdade quase representavam uma nova linguagem. Eu fiquei fascinada com a novidade, com a irrequieta sra. Cullinan e sua casa de Alice no País das Maravilhas.

Seu marido permanece, na minha memória, indefinido. Eu o confundi com todos os outros homens brancos que eu já tinha visto e tentando não ver.

Em nosso caminho para casa certa noite, a srta. Glory me contou que a sra. Cullinan não podia ter filhos. Ela disse que tinha ossos delicados demais. Era difícil imaginar ossos em todas aquelas camadas de gordura. A srta. Glory disse então que o médico retirara todos os seus órgãos femininos. Eu concluí que os órgãos de um porco abrangiam pulmões, coração e fígado; então, se a sra. Cullinan estava andando por aí sem essas coisas essenciais, isso explicava por que ela bebia álcool de garrafas sem rótulos. Ela estava mantendo-se embalsamada.

Quando eu falei com Bailey sobre isso, ele concordou que eu estava certa, mas também me informou que o sr. Cullinan tinha duas filhas com uma senhora de cor e que eu as conhecia muito bem. Ele acrescentou que as meninas eram a imagem escarrada do pai. Eu era incapaz de me lembrar como ele era, embora eu tivesse acabado de deixá-lo algumas horas antes, mas eu pensava nas meninas Coleman. Elas tinham pele muito clara e certamente não pareciam muito com a mãe (ninguém jamais mencionou o sr. Coleman).

Minha piedade pela sra. Cullinan precedeu-me na manhã seguinte como o sorriso do gato de Alice. Aquelas meninas, que poderiam ter sido suas filhas, eram bonitas. Elas não tinham de alisar o cabelo. Mesmo quando apanhavam chuva, suas tranças ainda pendiam direitas como cobras domesticadas. Suas bocas eram curvadas como os arcos dos pequenos cupidos. A sra. Cullinan não sabia o que ela estava perdendo. Ou talvez soubesse. Pobre sra. Cullinan.

Durante semanas eu cheguei cedo, saí tarde e tentei com grande afincamento compensar sua aridez. Se tivesse tido seus próprios filhos, ela não precisaria me pedir para cumprir mil missões de sua porta dos fundos até a porta dos fundos de suas amigas. Pobre velha sra. Cullinan.

Então, uma manhã a srta. Glory me disse para servir as senhoras na varanda. Depois que eu coloquei a bandeja na mesa e me virei para ir para a cozinha, uma das mulheres perguntou:

— Qual é o seu nome, menina?

Era a que tinha pintas no rosto. A sra. Cullinan disse:

— Ela não fala muito. Seu nome é Margaret.

— Ela é muda?

— Não. A meu ver, ela sabe falar quando quer, mas normalmente é calada como um ratinho. Não é, Margaret?

Eu sorri para ela. Coitada. Sem órgãos e não sabia sequer pronunciar meu nome corretamente.

— Ela é uma doçura, porém.

— Bem, talvez seja, o nome é comprido demais. Eu não me incomodaria. Eu a chamaria de Mary, se fosse você.

Fiquei furiosa na cozinha. Aquela mulher horrível nunca teria a oportunidade de me chamar de Mary, porque, mesmo que eu estivesse morrendo de fome, eu nunca trabalharia para ela. Decidi que não faria nada por ela nem que me implorasse de joelhos. Ouviam-se risadinhas vindas do jardim de inverno, entrando nas caçarolas da srta. Glory. Eu me perguntava sobre o que elas poderiam estar rindo.

Os brancos eram tão estranhos! Poderiam eles estar falando sobre mim? Todo mundo sabia que eles eram mais unidos do que os negros. Era possível que a sra. Cullinan tivesse amigos em St. Louis que soubessem de uma garota de Stamps num tribunal e tivessem escrito para ela. Talvez ela soubesse sobre o sr. Freeman.

Meu almoço estava de volta em minha boca e eu fui para fora, aliviando-me no canteiro de maravilhas. A srta. Glory pensou que eu poderia estar começando a ter alguma coisa e me disse para ir para casa, que mamãe me daria algum chá de erva e ela explicaria para sua patroa.

Eu me dei conta do quanto eu era tola quando cheguei ao lago. É claro que a sra. Cullinan não sabia. Senão ela não teria me dado os dois vestidos bonitos que mamãe cortou e certamente não teria me chamado de “doçura”. Eu estava me sentindo melhor do estômago e não mencionei o fato para mamãe.

Naquela noite decidi escrever um poema sobre ser branca, gorda, velha e sem filhos. Ia ser uma balada trágica. Eu teria de observá-la atentamente para captar a essência de sua solidão e dor.

Já no dia seguinte, ela me chamou pelo nome errado. A srta. Glory e eu estávamos lavando os pratos do almoço quando a sra. Cullinan veio até a porta.

— Mary?

A srta. Glory perguntou:

— Quem?

A sra. Cullinan, um pouco arqueada, sabia e eu sabia.

— Eu quero que Mary vá até a sra. Randall levar um pouco de sopa para ela. Ela não está se sentindo bem faz alguns dias.

O rosto da srta. Glory mostrou-se espantado.

— A senhora quer dizer Margaret, senhora. O nome dela é Margaret.

— Esse nome é comprido demais. Ela é Mary de agora em diante.

Aqueça aquela sopa da noite passada e coloque-a na terrina de porcelana e, Mary, eu quero que você a carregue com cuidado.

Toda pessoa que eu conhecia tinha um pavor infernal de ser chamado “por outro nome que não fosse o seu”. Era uma prática perigosa chamar um negro de qualquer coisa que pudesse ser interpretada vagamente como insultante, pelo fato de terem sido chamados durante séculos de crioulos, sujos, urubus e assombrações.

A srta. Glory, por um segundo fugaz, sentiu pena de mim. Então, ao me entregar a terrina quente, disse:

— Não ligue, não dê importância a isso. Paus e pedras podem muito bem quebrar seus ossos, mas palavras... Você sabe, eu trabalho para ela há vinte anos.

Ela segurou a porta dos fundos aberta para mim.

— Vinte anos. Eu não era muito mais velha do que você. Meu nome era Aleluia. Foi esse o nome que mamãe me deu, mas minha patroa me deu ‘Glória’ e pegou. Eu gosto mais desse também.

Eu estava no pequeno caminho que passava por trás das casas quando Glória gritou:

— É mais curto também.

Por alguns segundos, eu não soube se riria (imagine chamar-se Aleluia) ou gritaria (imagine deixar alguma mulher branca te dar outro nome por conveniência dela). Minha raiva salvou-me das duas explosões. Eu tinha de deixar aquele emprego, mas o problema ia ser como fazê-lo. Mamãe não me permitiria sair por uma razão qualquer.

— Ela é um doce. Essa mulher é um verdadeiro doce.

A criada da sra. Randall conversou um pouco ao receber a sopa, e eu me perguntei qual nome ela teve antes e a qual nome ela respondia agora.

Durante uma semana, eu olhava no rosto da sra. Cullinan quando ela me chamava de Mary. Ela ignorava minhas chegadas tarde e minhas saídas cedo. A srta. Glory ficou um pouco aborrecida porque eu tinha começado a deixar gema de ovo nos pratos e não estava polindo a prataria com devoção. Eu esperei que ela fosse reclamar para nossa patroa, mas ela não o fez.

Então Bailey resolveu o dilema. Ele me pediu para descrever o conteúdo do armário de louças e as travessas específicas de que ela gostava mais. Suas peças preferidas eram um prato de forno com formato de peixe e as xícaras de café de vidro verde. Eu guardei suas instruções na cabeça, de modo que no dia seguinte, quando a srta. Glory estava estendendo roupas e me ordenaram servir os biscoitos na varanda, eu deixei cair a travessa vazia. Quando ouvi a sra. Cullinan gritar: "Mary!", peguei o prato de forno e duas das xícaras de vidro verde imediatamente. Quando ela contornou a porta da cozinha, deixei-os cair no chão ladrilhado.

Eu não consegui em absoluto descrever para Bailey o que aconteceu em seguida, porque toda vez que eu chegava à parte em que ela caía no chão e contorcia o rosto para chorar, desatávamos a rir. Na realidade, ela se sacudiu no chão e pegou os cacos de xícaras e gritou:

— Oh, minha mãe! Oh, meu Deus! É a porcelana da Virgínia que era da minha mãe. Oh, mamãe, me desculpa.

A srta. Glory veio correndo do quintal e as mulheres que estavam na varanda reuniram-se ao redor. A srta. Glory ficou quase tão desgostosa quanto sua patroa.

— A senhora quer dizer que quebrou sua louça da Virgínia. O que nós vai fazer?

A sra. Cullinan gritou mais alto:

— Essa crioula desajeitada. Crioulinha desajeitada.

A mulher de rosto com pintas inclinou-se para baixo e perguntou:

— Quem fez isso, Viola? Foi Mary? Quem fez isso?

Tudo estava acontecendo tão depressa, que não consigo lembrar-me se sua ação precedeu suas palavras, mas sei que a sra. Cullinan disse:

— Seu nome é Margaret, droga, seu nome é Margaret.

E ela jogou um caco da travessa quebrada em mim. Pode ter sido

histeria que a fez errar de alvo, mas o caco voador pegou a srta. Glory bem na orelha e ela começou a gritar.

Eu deixei a porta da frente escancarada, para que todos os vizinhos pudessem ouvir.

A sra. Cullinan estava certa a respeito de uma coisa. Meu nome não era Mary.

O mundo acabara, e eu era a única pessoa que sabia disso. As pessoas andavam pelas ruas como se as calçadas não houvessem desmoronado sob seus pés. Elas fingiam inspirar e expirar, enquanto o tempo todo eu sabia que o ar fora sugado numa monstruosa inalação pelo próprio Deus. Somente eu estava sufocando num pesadelo.

O pouco prazer que eu conseguia extrair de que, se eu poderia ter um bebê, obviamente eu não era lésbica era empurrado para o canto mais minúsculo da minha mente pela pressão maciça do medo, da culpa e da auto-revulsão.

Por uma eternidade, parecia, eu aceitara minha situação difícil como sendo a vítima desafortunada e escolhida do destino e da fúria, mas desta vez eu precisava enfrentar o fato de que eu mesma provocara minha catástrofe. Como eu podia culpar o homem inocente que eu atraía para fazer amor comigo? A fim de ser profundamente desonesta, uma pessoa tem de ter uma de duas características: ou ser inescrupulosamente ambiciosa ou inabalavelmente egocêntrica. Ela tem de acreditar que, para que seus fins sejam alcançados, todas as coisas e pessoas podem ser manipuladas de maneira justificável, ou que ela é o centro não só de seu próprio mundo mas dos mundos que os outros habitam. Eu não possuía nenhum dos dois elementos na minha personalidade, então coloquei o fardo da gravidez aos 16 anos sobre os meus próprios ombros, que era onde ele deveria estar. É preciso reconhecer que eu cambaleava sob o peso.

Finalmente mandei uma carta para Bailey, que estava no mar com a marinha mercante. Ele respondeu e me advertiu para não contar sobre o meu estado para nossa mãe. Nós dois sabíamos que ela se opunha violentamente a abortos, e muito provavelmente mandaria que eu deixasse a escola. Bailey disse que, se eu deixasse a escola antes de obter meu diploma da escola secundária, acharia quase impossível voltar.

Os três primeiros meses, enquanto eu me adaptava ao fato da gravidez (eu só liguei a gravidez à possibilidade de ter um bebê semanas antes da minha reclusão), foram um período enevoado, em que os dias pareciam ficar logo abaixo do nível da água, nunca emergindo totalmente.

Felizmente, minha mãe estava muito presa ao tecido de sua própria vida. Ela me percebia, como sempre, fora de sua existência. Desde que eu estivesse saudável, vestida e sorrindo, ela achava que não havia necessidade de concentrar sua atenção em mim. Como sempre, sua maior preocupação era levar a vida que lhe fora dada, e era de se esperar que seus filhos fizessem o mesmo. E que o fizessem sem muito alarde.

Sob seu exame desatento, eu fiquei mais rechonchuda, e minha pele marrom ficou macia e os poros ficaram apertados, como panquecas fritas numa frigideira sem óleo. E mesmo assim ela não desconfiou. Alguns anos antes, eu estabelecera um código que nunca variava. Eu não mentia. Estava entendido que eu não mentia porque era orgulhosa demais para ser descoberta e forçada a admitir ser capaz de uma ação menos do que olimpiana. Minha mãe deve ter concluído que, como eu estava acima da mentira, eu também estava acima do logro. Ela estava enganada.

Todos os meus gestos concentravam-se em fingir ser aquela garota de escola ingênua, que não tinha nada mais cansativo em que pensar do que os exames da metade do período. Estranhamente, eu quase captei a essência da volubilidade da adolescência, enquanto desempenhava o papel. Só que havia momentos em que, fisicamente, eu não podia negar para mim mesma que algo muito importante estava acontecendo em meu corpo.

Pela manhã, eu nunca sabia quando teria de pular do bonde um passo à frente do mar quente de náusea que ameaçava varrer-me. No chão sólido, longe do veículo que se movia como um navio e do cheiro de mãos rescendendo a cafés da manhã recentes, eu recuperava meu equilíbrio e esperava pelo próximo bonde.

A escola recuperou sua magia perdida. Pela primeira vez desde Stamps, as informações eram empolgantes em si mesmas. Eu me entocava em cavernas de fatos e encontrava prazer nas soluções lógicas da matemática.

Eu credito minhas novas reações (embora eu não soubesse na época que havia aprendido alguma coisa com elas) ao fato de, durante o que certamente deve ter sido um período crítico, eu não ter sido arrastada para baixo pela desesperança. A vida tinha uma qualidade de esteira transportadora. Ela seguia em frente sem ser perseguida e sem perseguir, e meu único pensamento era permanecer ereta e guardar meu segredo junto com meu equilíbrio.

Na metade do caminho para o parto, Bailey veio para casa e trouxe-me uma pulseira de prata da América do Sul, *Look Homeward, Angel*, de Thomas Wolfe e uma grande quantidade de piadas sujas.

Quando meu sexto mês se aproximou, minha mãe deixou San Francisco e foi para o Alasca. Ela deveria abrir um clube noturno e pretendia ficar lá três ou quatro meses, até que o negócio se firmasse. Papai Clidell deveria cuidar de mim, mas fui deixada mais ou menos sob meus próprios cuidados e sob o olhar irregular de nossas inquilinas.

Minha mãe deixou a cidade em meio a uma festa de despedida alegre e feliz (afinal de contas, quantos negros havia no Alasca?), e eu me senti traidora deixando-a ir sem informá-la de que breve ela seria avó.

Dois dias depois do dia dos namorados, eu me postei com a turma da Escola de Verão de San Francisco na Escola Secundária Mission e recebi meu diploma. Nessa noite, no seio do agora querido lar da família, eu desenrolei meu segredo terrível e, num gesto de bravura, deixei um bilhete na cama de papai Clidell. Nele estava escrito: *Queridos pais, lamento trazer esta desgraça para a família, mas estou grávida. Marguerite.*

A confusão que se seguiu quando eu expliquei ao meu padraсто que esperava ter o bebê em três semanas mais ou menos lembrou uma comédia de Molière. Com a exceção de que só foi engraçado anos depois. Papai Clidell contou à minha mãe que “faltavam três semanas para mim”. Minha mãe, encarando-me como uma mulher pela primeira vez, disse, indignada: “Para ela, faltam mais do que quaisquer três semanas.” Ambos aceitaram o fato de que eu estava mais adiantada do que lhes tinha

sido dito, mas acharam quase impossível acreditar que eu carregara um bebê oito meses e uma semana sem que eles percebessem.

Minha mãe perguntou:

— Quem é o garoto?

Eu lhe disse. Ela se lembrou dele vagamente.

— Você quer se casar com ele?

— Não.

— Ele quer se casar com você?

O pai havia parado de falar comigo durante meu quarto mês.

— Não.

— Bem, então é isso. Não vale a pena destruir três vidas.

Não houve nenhuma condenação sutil ou declarada. Ela era Vivian Baxter Jackson. Esperando o melhor, preparada para o pior e não se surpreendendo com nada entre uma coisa e outra.

Papai Clidell assegurou-me de que eu não tinha nada com que me preocupar. Que “as mulheres engravidavam desde que Eva comeu aquela maçã”. Ele mandou uma de suas garçonetes a I. Magnin’s para comprar vestidos de grávida para mim. Nas duas semanas seguintes, eu rodei pela cidade indo a médicos, tomando injeções e comprimidos de vitamina e, com exceção de raros momentos isolados, apreciando o abençoado momento iminente.

Depois de um curto trabalho de parto, e sem muita dor (eu concluí que a dor do parto era exagerada), meu filho nasceu. Assim como gratidão confundia-se na minha cabeça com amor, possessividade misturou-se com maternidade. Eu tinha um bebê. Ele era bonito e meu. Totalmente meu. Ninguém o comprara para mim. Ninguém me ajudara a enfrentar os meses desagradáveis de enjôo. Eu tivera ajuda na concepção da criança, mas ninguém podia negar que eu havia tido uma gravidez imaculada.

Totalmente minha posse, e eu receava tocar nele. De volta para casa do hospital, eu ficava sentada horas junto ao seu berço de vime e absorvia sua perfeição misteriosa. Suas extremidades eram tão delicadas que pareciam não-terminadas. Minha mãe manuseava-o facilmente, com a confiança informal de uma enfermeira de bebês, mas eu temia ser obrigada a trocar suas fraldas. Eu não era famosa por ser desajeitada? E se eu

o deixasse escapular, ou pusesse meus dedos naquela pulsação no alto de sua cabeça?

Minha mãe veio para a minha cama uma noite, trazendo meu bebê de três semanas. Puxou a coberta e me disse para levantar e segurá-lo, enquanto ela colocava lençóis de plástico na minha cama. Ela explicou que ele ia dormir comigo.

Eu implorei em vão. Era certo que eu me viraria e lhe tiraria a vida, esmagando-o e quebrando-lhe os ossos frágeis. Ela não quis ouvir, e em alguns minutos o belo bebê dourado estava deitado de costas no centro da minha cama, rindo para mim.

Eu fiquei na beirada da cama, dura de medo, e jurei não dormir a noite toda. Mas a rotina de comer e dormir que eu iniciara no hospital e conservava sob a ordem ditatorial da minha mãe venceu-me. Eu adormeci.

Meu ombro foi sacudido delicadamente. Minha mãe sussurrou:

— Maya, acorde. Mas não se mexa.

Eu soube imediatamente que o fato de ela me acordar tinha a ver com o bebê. Fiquei tensa.

— Estou acordada.

Ela acendeu a luz e disse:

— Olhe para o bebê.

Meus medos eram tão fortes que eu não conseguia mexer-me para olhar para o centro da cama. Minha mãe disse de novo:

— Olhe para o bebê.

Eu não ouvi tristeza em sua voz, e isso me ajudou a quebrar os elos do terror. O bebê não estava mais no centro da cama. De início, eu pensei que ele houvesse se mexido. Mas, depois de uma investigação mais cuidadosa, eu descobri que estava deitada sobre minha barriga com meu braço dobrado num ângulo reto. Sob a tenda do cobertor, que era escorado pelo meu cotovelo e antebraço, o bebê dormia encostado no meu lado.

Minha mãe sussurrou:

— Está vendo? Você não tem que pensar em fazer a coisa certa. Se você estiver inclinada para a coisa certa, então você a faz sem pensar.

Ela apagou a luz e dei tapinhas de leve no corpo do meu filho e voltei a dormir.